



O SENTIDO DE LÍNGUA NA FORMAÇÃO DE UM PEDAGOGO

Adrielle Delgado Dias (UFSM)

Resumo: Este trabalho é parte da minha dissertação de Mestrado intitulada “O saber linguístico em disciplinas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)”, e tem por objetivo apresentar o sentido de língua encontrado nas disciplinas referentes à nossa língua materna, ou seja, a Língua Portuguesa, estudadas no Curso de Pedagogia da UFSM. Dessa forma, analisamos as designações de três disciplinas do referido curso, verificando qual o sentido de língua que está disposto em cada disciplina, relacionado a toda sua ementa, para tanto, utilizamos os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães (2005). Na análise das disciplinas selecionadas, utilizamos como categoria analítica a “Designação” enquanto mecanismo de atribuição de sentido, destacando o funcionamento semântico dos elementos de articulação e especificação em cada designação. Portanto, selecionamos três disciplinas, recortando suas designações e analisando como elas se estruturam e funcionam semanticamente, além disso, observamos como estas designações se relacionam e dialogam com os objetivos, os programas e as referências bibliográficas dispostas em cada ementa. Os resultados nos mostram que há uma dispersão do sentido da Língua Portuguesa, que nos leva a compreender que os estudos de nossa língua materna, na formação de um Pedagogo, servem para a aprendizagem e aplicação de regras gramaticais e produção de textos.

Palavras-chave: Sentido. Língua Portuguesa. Curso de Pedagogia da UFSM. Designações. Semântica do Acontecimento.



CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE ALUNOS DO CURSO DE LETRAS

Ana Paula Elsner (Unisc/UFSM)

Resumo: O presente trabalho está ancorado na concepção de que a língua é fundamentalmente argumentativa e que as palavras e suas relações auxiliam na constituição do seu caráter argumentativo. A partir disso, apresentamos como temática o panorama sobre a imagem que os alunos dos cursos de licenciatura em Letras de uma Universidade Comunitária e de uma Universidade Federal apresentam sobre a profissão. O objetivo de nossa pesquisa é analisar, com base na Teoria da Argumentação na Língua (ANL), como a imagem do professor é construída discursivamente. Com o objetivo de oferecer embasamento teórico ao estudo, apoiamo-nos na ANL, desenvolvida na França, desde 1983, pelos linguistas Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. A ANL é uma teoria enunciativa cujos estudos se centram no discurso, na materialidade linguística, pois o discurso é considerado o único doador de sentido. Especificamente, para a análise de nosso objeto, trabalhamos com a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), lançada em 1992 por Marion Carel e por Oswald Ducrot. O *corpus* do trabalho, que é parte do resultado da dissertação, está constituído por discursos de estudantes do curso de Letras licenciatura de duas universidades. Os discursos dos alunos foram coletados através de um questionário composto por quinze questões, divididas em optativas e descritivas, criado pela ferramenta Google Formulários, em que 42 sujeitos participaram, sendo vinte e oito da Universidade Comunitária e quatorze da Universidade Federal.

Palavras-chave: Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos. Professor. Discursos de estudantes de Letras.



ACESSIBILIDADE: REESCRITURAÇÕES E ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO

Andressa Marchesan (UFSM)

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre os sentidos da expressão “acessibilidade”, a partir de recortes do *Guia de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe*, que foi produzido pelo Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis, pela Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro, pela Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia da América Latina e do Caribe e pelo Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, no ano de 2017, e recortes da postagem “A cidade que pouco conheço” do *Blog Caleidoscópio*, publicada dia 05 de fevereiro de 2018, escrita pela jornalista, palestrante e escritora Leandra Migotto Certeza. O dispositivo teórico e analítico que dá sustentação para esse estudo é a Semântica do Acontecimento, conforme ela é trabalhada por Eduardo Guimarães (2002, 2018). Buscamos observar como os sentidos da expressão “acessibilidade” estão agenciados no acontecimento enunciativo em que ocorrem. Para verificar de que modo os sentidos são estabelecidos utiliza-se o modo de relação por reescrituração, como um procedimento de análise. Os resultados indicam que o sentido da expressão “acessibilidade” pode variar de um enunciado para outro, pois o sentido é constituído na relação de integração ao texto em que está.

Palavras-chave: Acessibilidade. Sentidos. Reescriturações. Acontecimento enunciativo. Semântica do Acontecimento.



O USO DO DIMINUTIVO *-INHO* E SUAS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES SOB O VIÉS DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS (TBS) E DA LINGUÍSTICA FORMAL

Fabiana Soares da Silva (Unisc-Capes)
Cristiane Dall' Cortivo Lebler (UFSC)

Resumo: Grande parte das palavras da língua portuguesa resultam de processos gramaticais como a derivação. Muitas dessas novas palavras são formadas a partir do acréscimo de sufixos aumentativos e diminutivos. Conforme Prade (2013), a língua portuguesa é bastante rica no que se refere à formação sufixal, totalizando 22 sufixos diminutivos, sendo que *-inho* e *-zinho* estão entre os sufixos diminutivos mais recorrentes pelo fato de esses poderem ser acrescentados facilmente a substantivos, adjetivos, advérbios e a outras palavras invariáveis. Por consequência, corriqueiramente os brasileiros costumam utilizar expressões como “bater uma *bolinha*”, “fazer uma *jantinha*”, “pedir um *favorzinho*”, “dar uma *festinha*”, entre outras. Sob a ótica da gramática normativa, pode-se dizer que todas as palavras destacadas são semelhantes pelo fato de serem formadas a partir do acréscimo do sufixo diminutivo. Contudo, nem sempre esse tipo de sufixo indica apenas noção de tamanho. Na verdade, o sufixo *-inho* e suas formas variantes também podem expressar diferentes sensações, sentimentos, intenções etc. Levando em consideração essas questões, realizou-se uma análise sobre o modo como a crônica *Diminutivo*, de Luís Fernando Veríssimo (1994), é construída argumentativamente. Para tanto, foram selecionados cinco enunciados da referida crônica. Assim sendo, neste trabalho, pretende-se apresentar possíveis significações que algumas palavras, formadas a partir do acréscimo do sufixo *-inho* e suas formas variantes, podem receber de acordo com o contexto em que são empregadas. Logo, para que a análise fosse efetivada, utilizou-se como fundamentação teórica algumas das postulações propostas pela Linguística Formal e pela Teoria da Argumentação na Língua (TAL), mais especificamente na terceira fase dessa, intitulada como Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta inicialmente por Marion Carel e Oswald Ducrot (1992). Para os referidos teóricos, todo sentido é argumentativo, cuja efetivação ocorre na e pela língua, o que significa dizer que somente o discurso é portador de sentido.

Palavras-chave: Formação de novas palavras. Derivação. Sufixos diminutivos. Teoria da Argumentação na Língua.



ETHOS E CRÍTICA SOCIAL NA CANÇÃO CÁLICE, DE CHICO BUARQUE

Luciana Saratt (PUCRS)

Resumo: A Análise do Discurso está ligada a concepções sociais que permeiam as manifestações humanas, por isso quando pensamos em uma análise discursiva levamos em consideração o contexto. Nessa perspectiva, pretendemos, sob a luz do analista do discurso Dominique Maingueneau, aplicar os conceitos de cena de enunciação, a saber: cena englobante, cena genérica e cenografia, com vistas a analisar a crítica social proposta pelo artista Chico Buarque de Hollanda na canção *Cálice*. Para isso, propusemos uma reflexão sobre os 21 anos de ditadura militar no Brasil, uma vez que o discurso em análise está entranhado nesse âmbito e foi fortemente reprimido pelos censores militares. Sabendo, ademais, que o discurso da canção constrói um enunciador, propomo-nos a analisá-lo, perpassando, dessa maneira, a teoria de *ethos* enunciativo, também articulada por Maingueneau. Nessa teoria, ele defende que *ethos* é o conjunto de traços demonstrados por um enunciador durante seu discurso; essas características vão compor sua personalidade, sendo ela verdadeira ou não. E, além disso, é uma representação do locutor por meio da qual é possível convencer o público, pois o ato de usar a palavra pressupõe a construção de uma imagem sobre si. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em dois momentos: um relativo à pesquisa bibliográfica e outro à documental. O primeiro diz respeito ao estudo do contexto no qual a canção foi composta, e o segundo é relativo à análise da canção, seguindo os objetivos propostos. Com isso, percebemos durante a pesquisa, a partir do quadro cênico e do discurso do enunciador, a composição de um *ethos* incomodado com o contexto de repressão no qual se encontra. A partir da cenografia, a qual representa uma oração religiosa, constatamos um enunciador que ora ao Pai e revela um sujeito conhecedor da Bíblia, demonstrando certa religiosidade em seu *ethos* ao mencionar *filho da santa/pecado*.

Palavras-chave: Análise do Discurso. *Ethos*. Cálice. Cenas enunciativas.



AVALIAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: EFEITOS DE UM DISCURSO

Maike Isaquiel Bandeira Moraes (UFSM)

Resumo: Sob a perspectiva da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, sabemos que o homem significa, produz sentidos pelo discurso (ORLANDI, 2001). O sentido, no entanto, conforme preceitos da AD, está sujeito, por exemplo, às condições de produção do discurso (considerando também o movimento histórico-social), à ideologia, à interpretação, etc. O efeito de sentido se dá pelo uso da língua na relação entre locutores (PÊCHEUX, 1988), não ocorrendo, portanto, de forma exclusiva, particular. A avaliação é vista historicamente sob diversos aspectos, aqui destacaremos duas concepções-chave: avaliação quantitativa e a avaliação qualitativa, pela perspectiva de Gómez (1983) e Saul (2001). Ambas as concepções revelam-se como parte de discursos pedagógicos diferentes. O objetivo deste trabalho é discutir esses possíveis efeitos de sentido produzidos por duas formas distintas de avaliação que expõem discursos diferentes principalmente através da posição-sujeito-professor. Buscando esses efeitos, apresentaremos algumas questões elaboradas por professores de Língua Portuguesa para instrumentos de avaliação utilizados no ensino básico em escolas públicas entre os anos de 2017 e 2018. Pela predominância de certas questões em determinados tipos de instrumentos avaliativos, podemos pensar os sentidos possíveis que direcionam discursos possíveis dentro da sala de aula, passando pela posição-sujeito em destaque que ocupa o professor de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Avaliação. Discurso. Sentido.



O USO DOS TEMPOS VERBAIS EM NARRATIVAS JURÍDICAS

Patrícia Hergemöller (Feevale)
Rosemari Lorenz Martins (Feevale)

Resumo: No que se refere aos conflitos judicializados, nos últimos anos, uma nova perspectiva de resolução se apresenta. Tratam-se dos métodos autocompositivos. Neles, diferentemente do que ocorre nas práticas heterocompositivas, nas quais quem se enuncia é o advogado, é possibilitado às partes envolvidas no processo judicial a oportunidade de narrar-se. Nesse contexto, insere-se o presente estudo, que, a partir dos ensinamentos de Ingedore Koch (2000) acerca dos tempos verbais no discurso, tem como objetivo refletir sobre o uso dos verbos nas narrativas jurídicas. Para tanto, são comparadas narrativas que ocorrem em ambos os processos. Uma análise preliminar indica que, nos métodos heterocompositivos, nos quais o advogado, como principal enunciador narra na terceira pessoa do singular em nome de seu cliente, prevalecem os tempos verbais do mundo comentado (presente do indicativo, pretérito perfeito composto, futuro do presente, futuro do presente composto e locuções verbais). Falam comprometidamente nos autos do processo, defendendo uma perspectiva, um ponto de vista. Argumentam e, com isso, demandam a necessidade de resposta. Diante dessa situação, caberá ao Juízo impor uma decisão, fazendo uso de tempos verbais do mesmo grupo, o que beneficiará aquele que melhor convenceu através da sua argumentação. Já nos métodos autocompositivos, os litigantes narram-se na primeira pessoa do singular e utilizam os tempos verbais do mundo narrado (pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito e locuções verbais). Nesse momento, as partes escutam-se reciprocamente, sem conflitar. Portanto, ao fazer uso dos tempos verbais do grupo um, é possível estabelecer entre os litigantes uma comunicação não violenta. Sempre assistidos pelo Conciliador/Mediador, após ouvirem-se, passam a negociar um desfecho no qual haja ganhos mútuos. Assim, fazendo uso dos tempos verbais do mundo comentado, resolvem o conflito na primeira pessoa do plural, comprometendo-se reciprocamente.

Palavras-chave: Discurso jurídico. Práticas Judiciárias Heterocompositivas e Autocompositivas. Tempos verbais no discurso.



REESCRITURAÇÕES DO SENTIDO DE LÍNGUA NO IMAGINÁRIO DO SENSO COMUM: O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO DO (RE)DIZER

Rejane Beatriz Fiepke Carpenedo (UFSM/Capes)

Resumo: Este trabalho é uma reflexão póstuma à pesquisa de nossa dissertação de mestrado, que teve como objetivo compreender os sentidos de língua no imaginário do senso comum por meio de comentários de sujeitos na rede social Facebook, no vídeo do primeiro pronunciamento oficial do ex-presidente Michel Temer no exterior. E neste momento nos propomos a analisar como se dá o funcionamento semântico do (re)dizer no processo analítico de reescrituração, com atenção à recorrência dos modos de reescritura. O aporte teórico-metodológico se dá a partir da teoria da enunciação, na perspectiva da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002). Para Guimarães (2018, p.87), os modos de reescrituração podem ser por repetição, substituição, elipse, expansão e condensação. Já os sentidos podem se constituir por sinonímia, hiperonímia, especificação, definição, desenvolvimento, generalização, enumeração e totalização. Desta forma, com os operadores enunciativos da reescrituração referidos, analisamos os sentidos de língua presentes no imaginário do senso comum, a partir dos comentários dos internautas, e posteriormente a recorrência dos modos de reescrituração e seu funcionamento semântico. Observamos que os modos de substituição e repetição são os mais usados, movimentando sentidos de especificação, sinonímia e definição. Os modos e sentidos de reescrituração permitem inferir sobre o quanto ainda se confunde no discurso do senso comum o uso escrito e falado da língua, em que se atribui a correção e a norma à modalidade oral. Assim, surge um conflito entre o plano linguístico e o plano enunciativo, em que o “bem falar” é idealizado e funciona como critério que qualifica, ou não, o sujeito para ocupar os espaços sociais de poder e visibilidade. Os enunciados apresentam um ponto de vista de uma língua imaginária, e inclusive, se percebe que o locutor não faz uso da mesma língua que defende.

Palavras-chave: Enunciação. Sentido de língua. Reescrituração.



UMA LEITURA SOB A ÓTICA DA TEORIA BAKHTINIANA DO GÊNERO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Verônica Seidel

Resumo: Entendemos, conforme a perspectiva bakhtiniana, que nenhum fato ou fenômeno da natureza tem significado em si mesmo, mas que tal significado surge justamente por meio da língua. Sendo assim, a análise da língua auxilia a compreender os posicionamentos ideológicos que sustentam os discursos. Tendo isso em vista, pretendemos compreender como o gênero de divulgação científica, estreitamente relacionado com o gênero científico, funciona e quais são os mecanismos de que se utiliza para estruturar suas práticas discursivas. Para isso, analisamos um artigo de divulgação científica acerca da experimentação laboratorial em animais, utilizando como categoria de análise o conceito de gênero do discurso, conforme proposto pelo Círculo de Bakhtin. Os resultados indicam que as primeiras manifestações de divulgação científica ocorreram em um contexto em que as atividades relacionadas à ciência eram escassas, havia pouquíssimas instituições de ensino superior no país e a maioria da população era iletrada. Existia, dessa forma, a necessidade de: elaborar materiais sobre a ciência calcados em parâmetros culturais e linguísticos acessíveis à população em geral; obter fundos e reconhecimento para a ciência; intervir na realidade de alienação do povo; e servir aos interesses econômicos de organizações como as editoras e a indústria farmacêutica. Notamos, ainda, que os discursos de divulgação científica são o resultado de um processo de parafraseamento de discursos científicos, funcionando como um trabalho de reformulação e de pedagogização do discurso científico. Percebemos, também, no artigo analisado, a perspectiva de que o emprego de animais é imprescindível ao progresso da ciência, de modo que toda e qualquer atividade contrária à realização de tal prática é vista como radical e prejudicial ao desenvolvimento científico. A partir disso, observamos que o discurso de divulgação científica referenda o *status quo* do modo de produção científico.

Palavras-chave: Língua. Ideologia. Experimentação científica. Discurso de divulgação científica.



IMPERATIVOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO, DESVIO DE USO DO VERBO PODER E A TEORIA DA INFORMAÇÃO

Yan Masetto Nicolai (UFSCar)
Dirceu Cléber Conde (UFSCar)
Isaac de Miranda Jr. (UFSCar)

Resumo: As línguas no mundo trazem três tipos de sentenças distintas: declarativas, interrogativas e imperativas. No caso dos imperativos, embora o campo semântico tenha alguns autores que já lidaram com este fenômeno (CONDORADVI & LAUER, 2012; PORTNER, 2004; KAUFMANN, 2014), há a discussão atual sobre o português brasileiro (MASETTO, 2019). A partir da base Intensional de von Stechow & Heim (2011), propomos que a descrição semântica deste tipo de sentença se dá a partir de uma ancoragem de tempos, aos moldes propostos por Kratzer (2015). É importante salientar que o presente trabalho tem como proposta lidar com o campo semântico de sentenças com a construção *Pode p*, considerado um desvio de uso do verbo poder e transformado em uma espécie de locução imperativa (MASETTO, 2019). Certas características de outros tipos de imperativos (canônicos ou outras locuções como *Trata de* ou *Deixa de*) há, sintaticamente, a presença do operador abstrato [IMP] (HAN, 2000); e também na Pragmática, através da noção de atos de fala de Austin e Searle (*apud* LEVINSON, 2007) e a força diretiva que o proferimento de um imperativo produz. É possível defender a hipótese que os imperativos além do espectro linguístico de análise, veiculam, assim como qualquer sentença, informação (HARRIS, 1991) de mais de um tipo (LOGAN, 2014) transmitindo que o estado epistêmico do mundo necessita de mudança, além de que a modificação deste estado deve ser realizado por aquele que escuta. Em suma, destinar-se-á a discussão de *Pode p* e do nível da informatividade, considerando a Teoria Fortemente Semântica da Informação (FLORID, 2004), assomada à análise linguística de Masetto (2019), para corroborar na defesa de que o desvio do verbo poder é sim um imperativo.

Palavras-chave: Imperativo. Semântica Intensional. Teoria da Informação.